

ABRINDO AS PORTAS DO ARMÁRIO

sei que devo partir de todos os lugares onde chegar
se é que alguma vez vou chegar a algum lugar fascinam-me
sobretudo as cidades costeiras
nelas poderei embarcar para outras cidades
ou ficar no cais a ver os barcos afastarem-se

Al Berto: *Carta da região mais fértil.*

1.1 AMÉRICAS: TRÊS SENTIDOS DA LIBERDADE

Nem falo das minhas prisões ou dos milhões de desprivilegiados que vivem nos meus vasos de flores à luz de quinhentos sóis.

Allen Ginsberg: *América*

Ao mesmo tempo em que o *Mundus Novus*¹ representou uma promessa para o europeu, Brasil, Cuba e Estados Unidos, três faces da América, colonizados por Portugal, Espanha e Inglaterra, respectivamente, sofreram a violência de uma alteridade não negociada. O invasor, de olhos atracados à terra, promoveu um holocausto sem precedentes na história oficial mundial. Para se ter uma mínima idéia, segundo o Frei Bartolomeu de Las Casas, foram contabilizadas doze milhões de mortes “injustas”² de homens, mulheres e crianças na América Espanhola num período de apenas 40 anos.³ O massacre dos índios nas Américas do Sul, Central e do Norte foi a primeira herança do dito mundo “civilizado”. Nesse aspecto, o “conquistador” do Velho Mundo não se diferenciou entre si. Não houve um processo de sedução e troca de saberes. Nem piedade cristã. As contas, pentes e espelhos eram destinados a apoderar-se de bens maiores, a submeter e espoliar a liberdade. As falácias da catequização e do processo civilizatório escondiam propósitos escusos:

A colonização pela propagação da Fé e do Império é antes de mais nada a falta de respeito (e não a simples curiosidade intelectual) para com o Outro, a intolerância para com os valores do Outro. E o efeito maior do gesto narcísico europeu que queria ver a sua imagem repetida por todo o universo.

¹ Cf. denominou Américo Vespúcio em seu livro homônimo, publicado em 1504, no qual consolida a tomada de consciência da autonomia geográfica da América.

² Caberia perguntar quais seriam as mortes *justas* na visão do religioso?

³ LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Trad. Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 31.

Gloriosamente, a história dita universal surge com o expansionismo europeu. O Novo Mundo é apenas a ocasião para um outro espelho, e o indígena, barro para se confeccionar um duplo e semelhante. E toca violência e destruição.⁴

O passo seguinte seria a escravização dos sobreviventes. O butim da conquista, nas palavras de Túlio Halperin Donghi, não consistia tão somente em metais preciosos, mas em homens e territórios. A indústria de mineração, o artesanato e a agricultura eram as principais atividades do braço escravo. Assim, fundava-se a vida senhorial.⁵ E, na falta de uma mão-de-obra para explorar as riquezas existentes em alguns países, o navio negreiro trazia a solução e reforçava o estigma da exploração pela força.⁶

O traço de aniquilamento financeiro, traduzido em opulência para o colonizador e miséria para o colonizado, estende-se e reescreve-se com outras feições de cunho cultural. O etnocentrismo europeu impôs a religião, os valores, os costumes, as línguas e uma história que não era a do *Novo Mundo* e passa a ser universal mesmo sem incluir a existência do seu passado. Do mesmo modo como apaga dos livros oficiais a matriz africana na formação cultural das Américas. Não há sequer a permissão de se ser o que se é. E muitos índios morriam de tristeza em suas redes.⁷

Na passagem de *estrangeiro* para *nativo*, estabeleceu-se a propriedade privada e vários Estados se consolidaram como nações independentes. A identidade coletiva (o nós), até então invasora e/ou representante de outros *centros de poder*, em posse do solo, finalmente enraizada, não quer ser sangrada pela metrópole do Império, e torna-se nacional. Todavia, continuaram recalçadas as possibilidades reais de convivência de alteridades num mesmo espaço.

Brasil, Cuba e EUA, países de João Silvério Trevisan, Reinaldo Arenas e David Leavitt, não são exceções. Somos e não podemos deixar de esquecer, dentro desses *nós*, desta entidade nacional, identidade cultural e coletiva, uma *idéia de nação*⁸. Europeus,

⁴ SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da Letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 193.

⁵ DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 12-13.

⁶ Cantam os versos do poeta: “Ontem a Serra Leoa / A guerra, a caça ao leão, / o sono dormindo à toa / sob as tendas d’amplidão! / Hoje... o porão negro, fundo, / Infecto, apertado, imundo / tendo a peste por jaguar... / E o sono sempre cortado / pelo arranco de um finado, e o baque de um corpo ao mar...”. ALVES, Castro. *Navio Negreiro*. Salvador: Aguiar & Souza Ltda, 1989, p. s/n.

⁷ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 43.

⁸ HALL, 2005, p. 49.

sim, inequivocadamente, mas também negros e indígenas, ainda que culturalmente recalçados, as identidades individuais (do eu) caladas em suas liberdades. Trata-se ainda da questão do pertencimento, do transnacionalismo de que fala Derrida:

É por isso que o nacionalismo, a afirmação nacional, enquanto fenômeno essencialmente moderno, é sempre um filosofema. A hegemonia nacional *apresenta-se*, reclama-se, pretende justificar-se em nome de um privilégio, na responsabilidade e na memória do universal, logo do trans-nacional, em suma do trans-europeu — e, finalmente, do transcendental ou do ontológico.⁹

O texto da Constituição dos Estados Unidos da América¹⁰, logo em seu início, antes de qualquer artigo, anuncia seu objetivo: “Garantir para o povo americano e para seus descendentes os benefícios da Liberdade.” De qual liberdade se fala? Uma liberdade que promova o bem-estar geral, é o que diz o texto, fundado no ideal de Contrato Social iluminista e inspirado no bordão *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* da Revolução Francesa¹¹. É também a concepção de liberdade vendida por parte da indústria do cinema de Hollywood, que, não podemos nos esquecer, possui um forte aspecto colonizador, como atestam as palavras de Glauber Rocha:

A tradição do cinema americano, representante de uma nação colonialista e de uma cultura de bases em preconceitos religiosos e raciais, é ridicularizar todos os movimentos de liberdade que brotem em terras do norte ou do sul, do leste ou oeste que fiquem além de suas fronteiras.¹²

Arenas publicou o seu primeiro livro de contos, *Con los ojos cerrados*, no Uruguai em 1972, sem ver ao menos um único exemplar do livro em Cuba, uma decorrência da perseguição do Regime de Fidel Castro¹³; Leavitt publicou *Family dancing* em 1984, em plena Era Reagan; e Trevisan, *O testamento do Jonathas deixado a David*, em 1976, cenário da Ditadura Militar do Governo Geisel. Ao norte, o Império *Democrático*; ao sul, uma

⁹ DERRIDA, Jacques. *O Outro Cabo*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: A Mar Arte e Reitoria da Universidade de Coimbra, 1995, p.114.

¹⁰ PHILLIPS, J. Henry. *Brazilian Translated*. Texas, 1998, p. 1. Disponível em: <<http://www.braziliantranslated.com/euacon01.html>>. Acesso em: 30 de ago. de 2005, p. 1.

¹¹ Conf. A. Souto Maior: “As idéias liberais de Locke, Voltaire, Montesquieu e Rousseau constituíram o corpo das idéias que concretizariam mais tarde os próprios objetivos da Revolução (Francesa).” MAIOR, A. Souto. *História Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 326.

¹² ROCHA, Glauber. *O Século do Cinema*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985, p. 62.

¹³ MUJICA, Miguel Correa. *Aproximación crítica a Termina el desfile de Reinaldo Arenas*. Especulo nº 12. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/arenas.html>>. Acesso em: 11 jul. 2004.

ditadura de direita e, ao centro, uma ditadura de esquerda. Quais os sentidos adormecidos no conceito da palavra *liberdade* ao se pensar as diferentes faces da América, centro e periferia, primeiro e terceiro mundo, ditadura e democracia, pares que não se excluem nem se anulam?

1.1.2 STONEWALL IN: COME OUT!

Os anos 60 deram surgimento ao *Black Power* dos Panteras Negras, à filosofia antibelicista em protesto à Guerra do Vietnã, à luta pelos direitos civis, à revolução sexual, à rebeldia da contracultura cristalizada na onda hippie, às experiências de autoconhecimento proporcionadas pelo uso de drogas alucinógenas, à psicodelia e experimentação musical e artística; enfim, a uma série de mudanças comportamentais e políticas que apontavam para uma desconfiança nas autoridades instituídas e nas propostas de transformações coletivas e reclamavam uma liberação no campo do cotidiano.

No Brasil da Ditadura Militar, o assassinato do jovem secundarista Edson Luís, durante um protesto no Rio de Janeiro por melhores condições de alimentação para os estudantes pobres, análogo ao do marinheiro do filme *O encouraçado Potemkin*, do diretor russo Serguei M. Eisenstein, causou comoção nacional e resultou na passeata dos 100.000, realizada em 25 de junho de 1968.¹⁴

Em Cuba, o regime de Fidel Castro começava a sentir os resultados do embargo imposto pelo presidente norte-americano John Kennedy. Em 1962, a OEA, com a exceção solitária do México, decidiu excluir a Ilha de seu conjunto. Che Guevara morreria em 1967, na Bolívia, quando, em Havana, realizava-se a Conferência da Organização Latino-americana de Solidariedade, com o intuito de “exportar” a revolução socialista, vendendo a imagem de Cuba como exemplo impulsionador das guerrilhas nos vários países americanos na luta contra o Capitalismo e a política imperialista dos Estados Unidos.¹⁵

O tumulto eclodido no final de junho e início de julho de 1969, no qual os freqüentadores de um bar guei chamado *Stonewall In*, localizado no *Greenwich Village* de Nova Iorque, EUA, reagiram aos excessos e desmandos de uma persistente ação policial,

¹⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 478.

¹⁵ TOURINHO, Lafayette; BERUTTI, Flávio. *Cuba: a (dês)construção do socialismo*. São Paulo. FTD, 2002. p. 48.

alcançaria a dimensão que tomou se não houvesse sido precedido pelos movimentos estudantis de maio de 1968 em Paris? Considero pouco provável.

Antes do levante que batizaria o *Gay Pride*, a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos impulsionou a radicalização dos movimentos estudantis em Berkeley no ano de 1964, explodindo depois em Columbia em 1968 e transformando centenas de outros *campi* depois disso.¹⁶

O bar que se tornou o estopim das barricadas, o *Stonewall*, era um lugar sem muito charme, porém exibia uma eclética fauna dos mais variados submundos gueis daquela época, desde jovens de 16 anos até velhas “mariconas”, dispostas a pagar por sexo. Contudo, o perfil do lugar não era de uma casa de prostituição e contravenção, mas um divertido ponto de encontro social.¹⁷

Muitos dos espectadores presentes àquela noite concordam com a versão de que o distúrbio se iniciou quando a polícia invadiu o local. A razão era a velha de sempre, exigir a “comissão” do dinheiro arrecadado. No entanto, a “batida” não saiu como planejada. Um dos policiais tentou arrastar uma lésbica – vestida com trajas masculinos – chamada Stormé DeLarverie, que, para espanto geral, reagiu na mesma proporção do abuso sofrido, mudando, com seu gesto, a atitude do grupo e catalisando uma verdadeira guerra. “O guarda me batia e eu batia nele de volta”, declarou DeLarverie.¹⁸

Instalou-se um pandemônio, foram atiradas garrafas contra a força policial. Esses, por sua vez, tentaram amedrontar o público tirando suas armas, mas continuavam sendo repelidos com insultos: “Porcos”, “tiras viados” e “aqui está sua comissão”. “Os homossexuais eram geralmente muito dóceis, pessoas pacíficas”, disse um policial, “mas esta noite foi diferente.” Craig Rodwell, um ativista, gritou de algum ponto indeterminado: “Gay Power!”¹⁹ E as reivindicações por justiça tomaram as ruas por duas noites e dois dias e foram parar nas manchetes de jornais.

O comum em matéria de bares gueis em Nova Iorque, e basta que nos lembremos das descrições do romance pré-*Stonewall* “A cidade e o Pilar”, de Gore Vidal, era de espaços públicos restritos, com atmosfera clandestina, todos controlados pela Máfia e

¹⁶ KAISER, Charles. *The Gay Metropolis: 1940 – 1996*. New York. Houghton Mifflin Company, 1997. p. 136-137.

¹⁷ DUBERMAN, Martin. *Stonewall*. New York. Plume, 1994. p. 182.

¹⁸ KAISER, 1997. p. 198.

¹⁹ *Ibid.* p. 199.

sujeitos ao suborno de policiais e reincidentes batidas. Esse era o preço a se pagar para obter alguma intimidade. Em sua grande maioria, não era nem permitido dançar.²⁰

A mudança, o corte, na maneira de se encarar a possibilidade de expressão do próprio desejo sexual, resultando em ações diretas na transformação da sociedade, não ocorreria, a meu ver, sem que antes as feministas houvessem queimado seus sutiãs, sem que se houvesse discutido as ousadas teorias de Wilhelm Reich, se não se houvesse acreditado na utopia do Socialismo, se os Panteras Negras não tivessem exigido “Poder para o povo” e se os estudantes não tivessem se mobilizado e insistido por uma maior participação democrática. O momento era propício. Não à toa, uma pesquisa apontava que vinte por cento dos estudantes universitários norte-americanos se identificavam mais com Che Guevara do que com os candidatos presidenciais Nixon e Humphrey.²¹

É neste contexto que, em 1969, surge a NACHO, *The National Homophile*, assimilando os ventos da indignação e desafio por igualdade. Uma associação que descendia da *The Student Homophile League at Columbia*, criada em 1967, e lançou o germe da militância em jovens como Foster Gunnison Jr., Craig Rodwell, Jack Nichols e Leo Laurence. Os gueis definitivamente saíam do armário.

Logo depois de *Stonewall* foram criados diversos grupos militantes nos EUA: Gay Activists Alliance, Gay Liberation Front, Mattachine Action Committee, The National Black Feminist Organization, ACT UP e muitos outros. Se os *campi* serviram como palco para o nascimento desses movimentos identitários, é natural que imaginemos um refluxo e que o sentimento de insubordinação deflagrado por *Stonewall* tenha levado também as academias a buscarem satisfazer à nova demanda de estudo e legitimação de uma cultura até o momento oprimida.

1.1.3 SAINDO DO ARMÁRIO

Dentro desse contexto de transformação social, é sintomático que uma parte dos escritores assumidamente gueis tenha sentido a necessidade de se expressar mais de

²⁰ DUBERMAN, 1994. p. 181.

²¹ Id. Ibid. p. 170.

acordo com um universo de semelhanças e diferenciações que particularizavam suas experiências. Há uma *reserva* na noção de amor entre iguais que as palavras “homossexualismo” e “homossexualidade”, oriundas de um vocabulário médico-criminal do Século XIX, não comportavam mais²². A identidade, como afirma Hall, “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes.”²³ Assim, impulsionados pelo modelo de organização de política comunitária e pela defesa dos direitos individuais e de minorias da tradição norte-americana, os gueis buscarão afirmar uma imagem mais positiva e politizada para o futuro próximo.²⁴

Ao retratar o homoerotismo, o escritor fatalmente se verá diante de uma questão fundamental e que diz respeito à liberdade: a maneira como esses amantes lidam com a expressão de seus próprios desejos sexuais e afetivos, se os aceitam ou não. Essa atitude será a que definirá o tipo de conflito existente na narrativa, se parte de um movimento de libertação interior ou exterior ao personagem.

O momento de culminância da aceitação do desejo homoerótico estará refletido no conceito de *coming out*²⁵, ou seja, o “sair-do-armário”. Balocco, em seu artigo sobre narrativas de identidade, diz:

“O gênero *coming out stories* é um discurso representacional que constrói um novo *sujeito do discurso*, uma nova forma de representação social para o sujeito excluído. Do ponto de vista dos sujeitos homoeróticos destas narrativas, elas têm sido *objeto* do discurso do outro, do discurso do saber, em inúmeras obras que discutem o homoerotismo, mas, através destas narrativas, constituem-se como sujeitos do seu próprio discurso.”²⁶

Falar de si. Assumir-se para o outro. A militância guei no Brasil, segundo Santiago, levantou como centro de suas questões a adoção desse verbo²⁷: *Assumir*. Com ele, abandona-se a esfera do privado para o público. Traz-se a sexualidade para fora do quarto e, na tentativa de iluminá-la, dar-lhe visibilidade, busca a negociação da sua diferença, tornar-se

²² COSTA, 2002, p. 11-12.

²³ HALL, 2005, p. 38.

²⁴ COSTA, 2002, p.47.

²⁵ Que se diferencia do *outing*, que é quando a militância usa do artifício político de expor publicamente aqueles que não querem assumir uma identidade guei, não lutam pela causa, mas há evidências de que praticam o homoerotismo.

²⁶ BALOCCO, Anna Elisabeth. Narrativas de identidade: as *coming out stories* como um discurso de resistência. *Gragoatá*, n. 14, p. 181-196. Niterói: EdUFF, 2003, p. 193.

²⁷ SANTIAGO, Silvano. *O Cosmopolitismo do Pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 197.

alegre por sua condição, orgulhar-se e escapar da dicotomia homossexual-heterossexual para afirmar uma conduta sexual própria.²⁸

PORTA-RETRATOS

David Leavitt nasceu na cidade de Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, no ano de 1961. De família judia, foi saudado por mais ou menos uma década como o líder do novo movimento da literatura guei na América do Norte.²⁹ Após um escândalo de acusação de plágio, sofrido quando publicava seu romance “Enquanto a Inglaterra dorme”, seus editores tiraram o romance das livrarias antes que Leavitt tivesse qualquer chance de se defender. Com o prestígio e fama abalados, resolveu exilar-se. Em 1989 se mudou com seu companheiro Mark Mitchell para Barcelona, Espanha, onde morou um ano e meio, e, depois, para Florença, na Itália, permanecendo fora dos Estados Unidos por oito anos. Atualmente, divide seu tempo entre Toscana, Itália, e Gainesville, Florida, onde ensina na Universidade da Flórida.

Reinaldo Arenas nasceu em 1943 na aldeia de Águas Claras, localizada entre Gibara e Holguín. O nascimento coincide com o primeiro período da presidência de Fulgêncio Batista (1940-1944), eleito pelo voto livre. Em 1952, Batista daria um golpe militar, implantando sua ditadura. Aos treze anos, Arenas e a família se mudam para Holguín. Vários de seus biógrafos apagarão Águas Claras de sua história, baseados na narrativa de *Antes que Anoiteça*³⁰, discurso regido antes pelo traço literário que pelo estritamente biográfico, no qual a imprecisão do dado – o nome da aldeia – importa menos do que a descrição do espaço, e dirão que ele nasceu num lugar impreciso, próximo a Holguín³¹. Contra Fulgêncio, o jovem escritor de 15 anos tentará se juntar aos rebeldes; todavia, como não conseguiu o imprescindível para matar, um fuzil, não foi aceito. E voltou ao lar. Depois da Revolução, no ano de 1967, se inscreveu num concurso literário, onde conheceu Lezama Lima e Virgílio Piñera, conhecidos escritores homossexuais, que o estimularam a seguir uma carreira. Publicou dois livros em Cuba, foi censurado e precisou traficar seus escritos para fora do país.

²⁸ Em uma entrevista, Foucault trata do tema: “Ao escapar da categorização ‘homossexualidade-heterossexualidade’, os *gays* deram um passo importante e interessante. Eles definiram de modo diverso seus problemas tentando criar uma cultura que só tem sentido a partir de uma experiência sexual e de um tipo de relações que lhes seja próprio.” FOUCAULT, 2004, p. 122-123.

²⁹ GALE, Thomas. *David Leavitt*. In.: Contemporary Authors. New Revision Series, vol. 134., Farmington Hills, MI: Thomson Gale, 2005, p. 300-306.

³⁰ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. 2. ed. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995

³¹ É o caso da edição brasileira, publicada pela Record.

Foi aprisionado num campo de concentração para gueis e exilou-se em Miami no ano de 1980, no conhecido Êxodo de Mariel. Foi um dos mais profícuos combatentes ao Regime Castrista. Vítima do vírus da AIDS, já em estado terminal, matou-se no ano de 1990 em seu apartamento em Nova Iorque.

João Silvério Trevisan é paulista, nascido na cidade de Ribeirão Bonito em 1944, estudou em seminários dos dez aos vinte anos, quando, após viver uma paixão por um colega seminarista, decidiu abandonar a batina e fazer cinema. Filmou um curta, *Contestação* (1969), e um longa, *Orgia ou o Homem que deu cria* (1970), que foi censurado antes de qualquer exibição³². Como estabelecera ligações com organizações de esquerda, sentiu-se ameaçado pela Ditadura Militar e resolveu partir para um exílio voluntário, que durou três anos. Viveu um período em Berkeley, EUA, mantendo contato com o movimento de libertação guei³³. Conheceu e morou em vários países da América Central e do Sul. Ao voltar para o Brasil, monta em 1976, em São Paulo, um grupo de discussões sobre a homossexualidade. E, mais tarde, juntamente com um pequeno grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, funda o *Lampião da Esquina*, “um tablóide mensal de ampla circulação dirigido ao público guei.”³⁴ No mesmo ano, em São Paulo, cria o Grupo SOMOS, destinado a aprofundar as questões políticas de libertação do movimento guei. Paralelamente a essa militância, Trevisan passou a publicar seus livros, enveredando tanto pela ficção adulta e infantil, quanto pelo ensaio. É dele, inclusive, um dos estudos pioneiros sobre a homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso* (1986), um estudo histórico-antropológico sobre a vida e a cultura homossexual no Brasil.³⁵

Temos, desse modo, um cubano, um norte-americano e um brasileiro engajados no ativismo guei e na escrita, três cidadãos de três Américas distintas, numa época – anos 70 e 80 – em que seus países estavam sob os regimes de uma ditadura de extrema esquerda, uma república democrática imperialista e uma ditadura militar de extrema direita, respectivamente.

Como militantes e escritores, podemos especular se o preconceito muitas vezes não impregnou o julgamento da obra de Arenas, Leavitt e Trevisan, enquanto literatura

³² TREVISAN, João Silvério. In: A homossexualidade nua e crua. In: *Caros Amigos*. Ano IV, nº 43. São Paulo: Casa Amarela, out 2000, p. 30-36.

³³ GREEN, James N. *Além do carnaval*. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite (trad.). São Paulo: UNESP, 2000, p. 427.

³⁴ *Ibid*, p. 395.

³⁵ A terceira edição, revisada e ampliada, foi publicada pela Editora Record em 2000.

propriamente dita. A própria designação de “literatura guei”, como rótulo de um segmento específico e monodirecionado, evidencia uma diferença de tratamento e uma ambigüidade. Em contraposição, basta lembrarmos que não existe uma literatura que seja definida como exclusivamente heterossexual, tendo héteros como público alvo. Se a minoria ganha alguma visibilidade com isso, sua produção passa rapidamente a ser controlada e domesticada para o consumo do gueto. Se, por um lado, esta classificação oferece a facilidade para o guei encontrar um lugar de pertencimento e reforçar seu orgulho, por outro, a classificação reduz as possibilidades daquele que não é guei exercer a alteridade – a mesma que os gueis exercem quando lêem livros onde não há personagens gueis ocupando o lugar de protagonistas – e aumentar sua tolerância diante da diferença das inclinações sexuais.

A segregação mercadológica é, sob este aspecto, uma face do exílio³⁶. E o exílio está sempre presente no trânsito entre o autoritarismo e a liberdade de expressão em que vive um escritor abertamente guei. O Estado, a Família e a Igreja, bases da sociedade burguesa, sustentáculos do poder dominante, pressionando e suprimindo a manifestação do próprio desejo no corpo ou, mais radicalmente, exilando o corpo do seu espaço geográfico e político na intenção de anulá-lo socialmente. Priva-se o prazer físico e priva-se, também, a possibilidade de pertencimento a uma comunidade. E, como se poderia esperar, provoca o anseio de liberdade por parte dos discriminados, a necessidade de se levantar e falar.

1.1.4 AUTORIDADE E LIBERDADE EM PROUDHON

Em *A Lei da Evolução da Autoridade para a Liberdade*, de Pierre-Joseph Proudhon, o pensador anarquista teoriza a dicotomia da ordem política, formulada com a necessária violência característica do discurso revolucionário: “A ordem política repousa em dois princípios conexos, opostos e irredutíveis: a Autoridade e a Liberdade”.³⁷

Proudhon participou da formação da Associação Internacional do Trabalho e foi um homem completamente independente em sua vida política. Apesar de Marx tê-lo

³⁶ Como alerta João Carlos Barcellos: “a importância de se manter um olhar crítico para a relação entre a liberalização dos costumes e a lógica do capital.” BARCELLOS, João Carlos. *Literatura e Homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas*. In: *Literatura e Homoerotismo: uma introdução*. José Luiz Foreaux de Souza Júnior (org.). São Paulo: Scortecci, 2002, p. 16.

³⁷ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Política*. Trad. de Célia Gambini e Eunice Ornellas Setti, organização Paulo-Edgar A. Resende e Edson Passetti. São Paulo: Ática, 1986, p. 68.

chamado de radical pequeno-burguês, dois anos antes o havia designado como “o mais importante socialista francês” em *Sagrada Família* (1845). Ao definir a propriedade como um roubo, num texto célebre de 1840, amealhou críticas e perseguições tanto de conservadores quanto de progressistas e revolucionários. Sua perspectiva era a de que, por trás do discurso de censura à propriedade individual especulativa, pairava a defesa escamoteada da propriedade estatal com vistas a uma estratégia futura de dominação. Nesse sentido, a herança da Revolução Francesa, mesmo proclamando a Igualdade e a Liberdade, foi a da autoridade, revestida pelo manto da formalização da participação.

Proudhon fala da propriedade como lugar e bem material, como terra e produto de riqueza. O campo de sua conceituação ainda passa por uma idéia de evolução, alimenta a crença na Ciência como senhora da verdade, deposita, na força de trabalho, grande otimismo para a condução da coletividade social, isso é certo, porém, estamos no Século XIX, e é particularmente interessante o exercício de pluralidade que ele almeja para a construção de sua utopia. Contudo, quero pensar também a *escritura* da palavra propriedade, sua *différance*³⁸, como uma antecipação da questão da “morte do autor”, problematizada por Barthes e Foucault. Propriedade como roubo. O *próprio de*, a *essência* e a *origem* negadas. *Propriedade* como apropriação do que não é seu, condutora de ilegitimidades, de bens como a autoria estética e a Liberdade. Essas serão algumas indagações presentes na análise dos contos lidos.

No rol de dicotomias elencadas por Proudhon, em *A Lei da Evolução da Autoridade para a Liberdade*, acrescenta-se o par: “regime absolutista ou autoritário e o regime liberal”, que seguem a lógica da “Indivisão e Separação”. Para ele, no plano da política “nem a Autoridade nem a Liberdade podem constituir-se à parte, nem dar origem a um sistema que lhes seja exclusivamente próprio; longe disso: elas ficam condenadas, em seus respectivos fundamentos, a se fazerem concessões mútuas e eternas”³⁹, o que, na sua visão, tornaria esse sistema uma criação “híbrida e equívoca”, uma “promiscuidade de regimes”. E, mais à frente, exorta: “Não confie na palavra desses agitadores que gritam: *Liberdade, Igualdade, Nacionalidade!*; eles não sabem nada (...)”⁴⁰.

³⁸ Cf. Derrida responde em uma entrevista: “O movimento da *différance*, na medida em que produz diferença, é, pois, a raiz comum de todas as oposições de conceitos que escandem nossa linguagem”. DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 15.

³⁹ *Ibid*, p. 68.

⁴⁰ *Ibid*, p. 69.

Proudhon vai mais além. Em seu otimismo, acredita que a “lei” regulará a passagem do autoritarismo para o liberalismo⁴¹. Cunha ainda o termo *Liberdade Racional*. No entanto, o que me interessa e será articulado nos capítulos a seguir está presente no diagnóstico de hibridismo e promiscuidade do Estado-Nação, no jogo entre Autoridade e Liberdade.

1.1.5 AS AMÉRICAS DE ARENAS, LEAVITT E TREVISAN

De que maneira se inscreve a palavra *liberdade* nas instituições políticas de Brasil, Cuba e Estados Unidos quando Arenas, Leavitt e Trevisan começaram a preparar seus projetos literários? Em que medida ela está preenchida pelo seu oposto, a autoridade, e por baixo da letra se instaura um logocentrismo? Derrida, em *A farmácia de Platão*, especula acerca do jogo: “Que lei comanda esta ‘contradição’, esta oposição a si do dito contra a escritura, dito que se diz contra si mesmo desde o momento em que se escreve, que escreve sua identidade e levanta sua propriedade *contra* esse fundo de escritura?”⁴² Aqui reside um dos operadores a serem explorados durante os demais capítulos, a dupla feição da escritura derridiana, o paradoxo do dito e do não-dito, prática e discurso.

Desde janeiro de 1959, Cuba passou a viver um regime socialista. Reinaldo Arenas nos conta em sua autobiografia, *Antes que anoiteça*, que aos 14 anos se alistou entre os rebeldes para combater Batista, contemporizando a propaganda de guerra e lançando dúvidas a respeito do saldo de vinte mil mortos divulgado por Castro:

Na realidade, nem houve guerra, e sim reação quase unânime de um povo contra um ditador; o povo se encarregava de cometer atos de sabotagem e, principalmente, espalhar a notícia de que havia milhares de rebeldes por toda parte; a única coisa que havia por toda a parte era o desprezo pelo regime de Batista.⁴³

⁴¹ *Ibid.*, p.70.

⁴² DERRIDA, 1997, p.113.

⁴³ ARENAS, 1995, p. 64.

O marxismo se apresentava então como a última proposta de renovação que levasse a uma sociedade mais igualitária, igualmente totalizadora e pós-iluminista. Nele, era preciso se vivenciar o capitalismo para se chegar ao socialismo. Um programa civilizatório que seguia o fio do progresso e da história. Inicialmente, Arenas também se permitiu certa euforia. Até perceber um outro lado não anunciado na *boa-nova*:

Por que a imensa maioria do povo e os intelectuais não se deram conta de que começava outra vez uma nova tirania, ainda mais sangrenta que a anterior? Talvez nos déssemos conta, sim, mas o entusiasmo de saber que vivíamos agora numa revolução, a qual havia derrubado uma ditadura, e que chegara a hora da vingança, todos esses sentimentos eram superiores às injustiças e aos crimes que estavam sendo cometidos.⁴⁴

Cabrera Infante foi ainda mais duro no seu julgamento:

Para nós, cubanos, o socialismo foi uma piada pesada que nos destruiu, que ainda nos destrói.

O preço do socialismo, já vimos isso muitas vezes neste século (século XX), é a escravidão, a bestialidade e a morte – tudo em nome do homem. (E da mulher também). Não foi Stalin quem proclamou que se devia cuidar do homem como se cuida de uma árvore, e depois distribuiu machados?⁴⁵

Cuba está no centro das Américas. Fidel Castro ainda a comanda, mesmo doente. E tal qual prenunciou Proudhon, a promessa de liberdade coletiva suprimiu em muito a liberdade individual.

A democracia norte-americana, por sua vez, que antes apoiava o ditador Fulgêncio Batista, alegando defender a causa da *liberdade*, promoveu o embargo econômico a Cuba, sustentando-o até os dias de hoje. Para onde teria ido o *viver, deixar viver e ajudar a viver* de Ralph Waldo Emerson? Estaria contido apenas dentro das suas fronteiras? Durante o período da Guerra Fria, quando David Leavitt escreveu e publicou seus primeiros livros, os Estados Unidos eram um país livre para os norte-americanos? E a luta pelos direitos humanos? O conflito racial? A causa das minorias? Susan Sontag, em *Contra a Interpretação*, destaca o aspecto neurótico do país e trata, entre outras injustiças, da exclusão do indígena e do negro. Ela ainda o chama, “com Ronald Reagan como o novo papai da Califórnia e John

⁴⁴ *Ibid*, p. 71.

⁴⁵ INFANTE, Guillermo Cabrera. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 308.

Wayne mastigando costeletas de porcos na Casa Branca”, de uma “Terra de Matutos”.⁴⁶ A Autoridade está no seio da Liberdade. A *apropriação* que os Estados Unidos fez da Liberdade também é um roubo, é uma promessa que não se cumpre, uma distopia.

O Individualismo americano, operando nos moldes do *sujeito iluminista* de que fala Hall, “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”,⁴⁷ dará margem, em grande parte da segunda metade do século passado, à defesa das identidades políticas. As liberdades dentro da autoridade da *Liberdade*. O que está fora querendo estar dentro. É a marca de uma liberdade relativa, concedida pela *lei*, outorgada pelo jurídico. A liberdade de se expressar. Não necessariamente a de ser livre em ser o que se é, mesmo que indefinível e incontornável. Contudo, ser o que se assume que se é. Identidades construídas e demarcadas. Ganha-se, assim, uma noção de existência legitimada, visibilidade política, mas, ao mesmo tempo, permite o controle, aprisiona, leva a um *estado de dominação*:

As relações de poder têm uma extensão consideravelmente grande nas relações humanas. Ora, isso não significa que o poder político esteja em toda parte, mas que, nas relações humanas, há todo um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre os indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político. Essa análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo; ela às vezes encontra o que se pode chamar de fatos, ou estados de dominação, nos quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem aos diferentes parceiros uma estratégia que os modifique, se encontram bloqueadas e cristalizadas.”⁴⁸

O que Foucault acusa nessas relações dúbias de trânsito entre Liberdade e Autoridade, ele também questiona em relação à luta pelos direitos humanos: “A coexistência, no seio das estruturas políticas, de enormes máquinas de destruição e de instituições dedicadas à proteção da vida individual é uma coisa desconcertante que merece ser investigada.”⁴⁹

David Leavitt, logo em seus primeiros livros, traça um retrato do *american way of life*, as relações de família e a construção de uma identidade gueil:

⁴⁶ SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 186.

⁴⁷ HALL, 2005, p. 11.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004, p. 266.

⁴⁹ *Ibid*, p. 303.

Leavitt can be described as an author belonging to the generation that emerged after the Stonewall riots, a turning point of the Gay Liberation movement in 1969. He is a post-Stonewallian author, writing at the time of the eruption of the AIDS crisis in the 1980s. There are two main themes in Leavitt's early novels: the construction of gay male identity and the love and family relations of a gay male identity, culminating in two coming-out stories – unusually, those of a father and of a son.⁵⁰

A tensão entre Liberdade e Autoridade será constante e porá em xeque o mito de liberdade individual vendido pelos norte-americanos. Os quinhentos sóis de que fala o poeta não serão suficientes para retirar do vaso os milhões de desprivilegiados.

No Brasil de João Silvério Trevisan, a Autoridade estava instituída. Era a época da Ditadura Militar. Da Repressão. AI-5. Tortura. Estranhamente, o movimento de 31 de março de 1964, contando com apoio de parte da classe média e setores conservadores, lançou-se para *livrar* o país da corrupção e do comunismo, pretendendo restaurar a democracia.⁵¹

O Regime de direita no *País do Carnaval* logo se caracterizou como híbrido. Com toda a violência que assinalou o assassinato do jornalista Vladimir Herzog em outubro de 1975, a farsa do ataque à bomba do Rio-Centro, ele se autodenominava uma revolução, a *Revolução de 64* e, ao menos formalmente, incluindo aí uma série de modificações, manteve em seu início a Constituição de 1946, permitindo o funcionamento do Congresso. Boris Fausto, em seu *História do Brasil*, destaca: “Embora o poder real se deslocasse para outras esferas e os princípios básicos da democracia fossem violados, o regime quase nunca assumiu expressamente sua feição autoritária.”⁵²

O Brasil que precedeu o Golpe Militar de 1964 caminhava num sentido de Liberdade em ebulição. Havia o Cinema Novo, a bossa nova, um forte Movimento Estudantil (A UNE radicalizava suas propostas de transformação social), a influência da contracultura norte-americana, a liberação sexual, o mito Che Guevara e uma série de discussões,

⁵⁰ “Leavitt pode ser descrito como um autor iniciante para a geração que emergiu após os tumultos de Stonewall, uma mudança no ponto de vista do movimento de Liberação Gay em 1969. Ele é um autor pós-Stonewalliano, escrevendo em tempos de erupção da crise da AIDS nos anos 80. Há dois temas principais nos primeiros romances de Leavitt: a construção de uma identidade guei masculina e o amor e as relações familiares de uma identidade guei masculina, culminando em dois tipos de histórias sobre assumir-se – incomuns, aquelas de um pai e de um filho (tradução minha).” KEKKI, Lasse. *From gay to Queer: Gay male identity in selected fiction by David Leavitt and in Tony Kushner's play Angel in América I-II*. Bern: Peter Lang AG, 2003, p. 19.

⁵¹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1995, p. 465.

⁵² Op. Cit.

movimentações e ansiedades que culminaram com a posse de Jango, amparado pelos sindicatos operários. Esse era um dos sentidos recalcados na palavra *livrar*, quando diziam que *livrariam* o país da corrupção, que os militares tentaram empreender e, por medida de força, aplicar. Por trás desse discurso havia o conservadorismo da Igreja Católica, o discurso nacionalista da TFP e o medo camuflado de uma ditadura de esquerda em moldes stalinistas.⁵³

A literatura de João Silvério Trevisan e da geração pós-64, como situou Silviano Santiago no ensaio “Poder e Alegria: A Literatura Brasileira Pós-64 – Reflexões”, publicado em *Nas malhas da letra*, rompe com o modelo modernista “para a superação política da exploração do homem pelo homem”:

De maneira tímida e depois obsessiva, a literatura brasileira, a partir da queda do regime Goulart e do golpe militar de 64, passou a refletir sobre o modo como funciona o *poder* em países cujos governantes optam pelo capitalismo selvagem como norma para o progresso da nação e o bem-estar dos cidadãos.”⁵⁴

A Liberdade no território dos porões do DOI-CODI, ameaçada de “susto, de bala ou vício”, exilada em seu próprio país, assim como Federico García Lorca, o poeta guei na Espanha de Franco, temerá morrer de bruços. De bruços. Assim são assassinados muitos dos que assumiram a identidade de seu vício.

Em 1974, com a ascensão de Geisel ao poder, começa a distensão do regime, uma abertura política definida pelo próprio presidente como “lenta, gradual e segura”. As forças reprimidas lutam agora por eclodir, João Silvério Trevisan, em *Devassos no paraíso*, analisa:

A partir da década de 1970, com a eclosão de vários fenômenos inéditos na música popular brasileira, ficaram para trás os tempos em que Assis Valente precisava escrever canções cheias de subentendidos e sentidos cifrados. Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira, instaurada a partir de 1964, imprimiu um impulso peculiar em certas áreas da vida nacional, nos anos 70. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberação nem sempre alinhados com orientações

⁵³ Em entrevista a Suênio Campos de Lucena, Rachel de Queiroz assume seu rompimento com o PC em razão da “burrice stalinista”, e revela sua participação na derrubada de Jango. LUCENA, Suênio Campos. *21 Escritores brasileiros: uma viagem entre mitos e motes*. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 171-172.

ideológicas precisas. Daí porque uma das palavras-chave do período foi “desbunde” ou “desbum”. Alguém *desbundava* justamente quando mandava às favas – sob aparência freqüente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade.”⁵⁵

Neste aspecto, ele ainda acrescenta, mais à frente: “Talvez fosse possível detectar o início desse fenômeno em três núcleos deflagradores – nas áreas de teatro e na música popular. Estou me referindo ao compositor-cantor Caetano Veloso, ao grupo teatral Dzi Croquetes e ao cantor Ney Matogrosso.”⁵⁶

Sob o olhar vigilante da Autoridade, se está livre da obrigação de assumir uma identidade determinada, a “liberação individual” ou identitária precisa ser negociada tal qual a música de protesto usa da metáfora para fugir da censura.

Depois viriam o Governo Figueiredo, a abertura do regime ampla e irrestrita, a retomada do regime civil democrático.

TRÊS FACES DA AUTORIDADE

O que procurarei constatar nessas três rotas do mapa, três sentidos de três Américas distintas, vivendo momentos políticos distintos, é a liberdade possível da confissão num ambiente de autoridade, transitando em vias políticas e literárias que nem sempre levam às mesmas direções: norte, sul, centro, direita, esquerda, extrema-direita, extrema-esquerda e, novamente, centro, centro do poder, lugares hegemônicos, identidades. Estados de dominação e formas de controle são próprios dos regimes do Estado-Nação, tal qual enunciou Proudhon.

Nos próximos capítulos, dedicados a cada um dos autores e às representações do poder investidas nas figuras do Estado, da Família e da Igreja, verificarei o curso tomado por suas escritas, se, enquanto militantes, conseguem desconstruir a autoridade de um modelo narrativo unívoco, se conseguem destituir a opressão e repressão no próprio sujeito fragmentado do escritor, para que, assim, o leitor possa ele mesmo construir sua história, (re)escrevendo e assumindo posicionamentos, assumindo-se personagem ou enrustindo-se.

⁵⁴ SANTIAGO, 1989, p. 12.

⁵⁵ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 284.

1.2 O AUTOR ENQUANTO MÁSCARA

No prefácio cancelado do livro *Personas Sexuais*, publicado posteriormente em *Sexo, Arte e Cultura Americana*, Camille Paglia localiza a sociedade como um teatro ritual, um lugar das máscaras. No teatro grego e romano, era a máscara (em latim, *Persona*), construída de madeira ou barro, que projetava a voz do ator para o público das fileiras mais distantes. É provável que a raiz da palavra decline de *personare*, que significa “soar através ou ressoar”. Mais tarde, seu sentido se ampliaria para definir o papel do ator e, ainda depois, um papel social ou função pública, e, já no Império Romano, os cidadãos, os indivíduos sob a lei romana.⁵⁷

Mais do que fundar a idéia de personalidade no ocidente, como bem alerta Paglia, o sentido de *persona*, *personagem* e *máscara* passeia de veículo de propagação da voz e da imaginação, descrito por ela como um megafone, para se adequar dentro de um perímetro estrito delineado pelas leis. Assim, direitos e deveres agora se impunham. Era a Lei e a Ordem. O cidadão que não seguisse a cartilha era punido. A voz que, a partir da máscara, chega até a última fileira do teatro, não reprime o ouvinte, não sabe exatamente qual o resultado do som e a avaliação do público. Nela, há liberdade. Dela se pode discordar. Quando, contudo, a máscara do papel social é imposta, temos uma face da autoridade. Autoridade de muitos sobre poucos. Autoridade de poucos sobre muitos. Ao ator só resta mimetizar.

Quando trazemos a reflexão para a Arte (principalmente literatura, teatro e cinema), pode-se recuperar o aspecto libertário da personagem, restituindo-se seu componente mágico e lúdico. No caso da literatura em particular, Anatol Rosenfeld diz que

É porém a *personagem* (grifo meu) que com mais nitidez torna aparente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. (...) Há numerosos romances que se iniciam com a descrição de um ambiente ou paisagem. Como tal poderiam possivelmente constar de uma carta, um diário, uma obra histórica. É geralmente com o surgir de um ser humano

⁵⁶ *Ibid*, p. 284.

⁵⁷ PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: o prefácio cancelado*. In.: *Sexo, Arte e Cultura Americana*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 107.

que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma *situação concreta* em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária.⁵⁸

Rosenfeld diferencia pessoa de personagem, defendendo a opinião de que é pela literatura que obtemos maior coerência epistemológica do que na vida:

O que resulta é que precisamente a limitação da obra ficcional é a sua maior conquista. Precisamente porque o número das orações é necessariamente limitado (enquanto as zonas indeterminadas passam quase despercebidas), as personagens adquirem um cunho definido e definitivo que a observação das pessoas reais, e mesmo o convívio com elas, dificilmente nos pode proporcionar a tal ponto. Precisamente porque se trata de orações e não de realidades, o autor pode realçar os aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, dando às personagens um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma sugerir, levando-as, ademais, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma acontecer na vida.⁵⁹

Essas reflexões e configurações da máscara na literatura permitem que o pesquisador também invista no aparato que vestirá e lançará seu uivo no espaço, para atingir a última fila ou não. A escolha da coerência, a possibilidade de deslizar junto à leitura e nas formas oferecidas complementar com o verossimilhante, a informação que está sub-reptícia, mas, de certa maneira, aparece latente na história, complementado a idéia de todo que é a obra artística, o conto.

Há, do mesmo modo, duas maneiras de se classificar a personagem na análise literária. Elas podem ser personagens redondas e personagens planas. E. M. Foster, em seu *Aspectos do Romance*, afirma que as planas seriam bidimensionais, dotadas de altura e largura, mas não de profundidade: um só defeito ou uma só qualidade. Em relação às personagens redondas, “ostentariam a dimensão que falta às outras, e, por isso, teriam uma série complexa de qualidades ou/e defeitos. As personagens planas geram os *tipos e caricaturas*, enquanto as outras envolvem os caracteres.”⁶⁰

⁵⁸ ROSENFELD, Anatol. *Literatura e Personagem*. In.: *A personagem de Ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 21-23.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 34-35.

⁶⁰ FOSTER, E. M.. *Aspectos do Romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1998, p. 65.

Poderíamos dizer que a tipificação das personagens como planas são as mais rentáveis para se trabalhar o conto, pela força que este imprime num curto espaço de papel, tela de micro ou qualquer outro suporte. Será também aqui. Todavia, cabe lembrar que a bidimensionalidade da personagem não vai conduzir a uma análise superficial do objeto de estudo, pois o que está em jogo aqui e no decorrer dos capítulos é a quebra de um paradigma hierárquico de valor, no qual o reconhecimento dos atributos convencionalmente “positivos” de um texto serve exclusivamente para oprimir a multiplicidade de leituras possíveis e jogar por terra o processo extremamente duro de sedução do escritor pelos seus leitores mais comuns, pessoas donas de um arsenal cultural/epistemológico diferenciado do oferecido nos bancos das escolas.

Vale questionar a personagem do autor, esta entidade que se pretende coerente, que faz escolhas de identidades e se mascara indeterminadas vezes, iludindo em verossimilhança, morrendo e calando de um conto a outro, de um romance a outro, confundindo-se com a voz projetada pela máscara, confundindo o leitor a respeito do sujeito, da impossibilidade de controle total, da impossibilidade do encontro total. Ele próprio não mais do que um nome, uma mistura, um amálgama do qual somente o leitor poderá reconstruir e conceder-lhe vida.⁶¹

1.3 GAY AND LESBIAN STUDIES VERSUS QUEER STUDIES

Há uma transitoriedade na concepção de certo e errado e na escolha de determinadas estratégias de intervenção política que, de uma forma ou de outra, estão submetidas às suas conjunturas históricas e sociais, não necessariamente explicitadas na superfície de sua linguagem. Stuart Hall, ao refletir sobre o alcance dos temas que os Estudos Culturais podem focar, diz que:

Têm que analisar certos aspectos da natureza constitutiva e política da própria representação, das suas complexidades, dos efeitos de linguagem,

⁶¹ CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999, 107-117.

da textualidade como local de vida e de morte. São estes os temas que os Estudos Culturais podem focar.⁶²

Um problema que se infiltra no cerne dos *gay and lesbian studies* está na acomodação de sua *diferença* ao jogo do poder. Ao se configurar com base no sujeito sociológico, amparado na luta pelos direitos civis, corre-se o risco de ser cooptado pelos centros hegemônicos, os grupos militantes dependendo sempre de financiamentos do governo, e de se acreditar que basta marchar uma vez por ano em qualquer “parada guei”, aceitando uma visibilidade “cuidadosamente regulada e segregada”⁶³ e, assim, demarcar a sua identidade, garantindo sua segurança e seu bem-estar perante os demais. É preciso dar um passo a mais.

Não podemos nos esquivar de que a fixidez com que buscamos definir os termos guei e lésbica é algo tão redutor e autoritário como conceber a idéia de uma heterossexualidade pura. Em certa medida, tal atitude parece querer disciplinar e controlar o sexo e o amor, mantendo-os sob rédeas curtas.

Elaine Borges Berutti argumenta que, após a leitura de pensadores como Michel Foucault, em sua *História da Sexualidade*, Jurandir Freire Costa, em *A Inocência e o vício*, e John Boswell, em *Christianity, social tolerance and homosexuality*, somos convencidos de que o “ser homossexual” não existe:

O que existiu foi a sua criação com o objetivo de classificá-lo e estigmatizá-lo na sociedade, seja ela européia, norte-americana, ou brasileira. Também ficamos convencidos, com essas leituras, de que, ao tratarmos da sexualidade, estamos dando voz à pluralidade de desejos, à diversidade de identidades.⁶⁴

É uma perspectiva que caminha mais ao encontro dos *queer studies*, alinhados com a reflexão contemporânea da pós-modernidade, pensando o sujeito como múltiplo, transitório, ressignificando-se na alternância constante da vida:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis,

⁶² HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte. Editora da UFMG; Brasília: representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 214.

⁶³ *Ibid.* p. 214.

⁶⁴ BERUTTI, Elaine Borges. *Estudos gays e lésbicos no Século XXI: imitação ou devoração cultural?*. In: *Literatura e Homoerotismo: uma introdução*. 2002, p. 126.

drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o (*sic*) centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.⁶⁵

A ponto mesmo de ser polêmica e incluir a própria visão heterossexual na teoria *queer*, por considerar o *queer* como não restrito à sexualidade, mas que, nas palavras de Berutti, abarca o sentido político por um “viés que desafie e questione a normatividade, ao tratar de temas tais como identidade, gênero, classe e etnia.”⁶⁶ Ou seja, a teoria *queer* está estreitamente ligada aos Estudos Culturais, à *differance* de Derrida e ao vasto campo de reflexão pós-moderna que questiona os poderes instituídos dentro e fora da linguagem.

A absorção dessas teorias no Brasil, originadas principalmente nos *campi* norte-americanos, não deve ser feita de maneira pouco cautelosa. Se os *Gays and Lesbian Studies* limitam a compreensão da sexualidade humana, os *Queer Studies* correm o risco de, pela extremada abertura, diluir a força de uma pulsão política enquanto intervenção direta numa realidade ainda deveras injusta. Além disso, creio que caberia perguntar aqui o modo como recebemos o produto do pensamento americano em torno dessas questões, e se conseguimos articular um diálogo crítico que leve em conta nossas peculiaridades culturais, nossas idiosincrasias. Vale lembrar a advertência de Stuart Hall: “No contexto global, a luta entre os interesses ‘locais’ e os ‘globais’ não está definitivamente concluída.”⁶⁷

Diante dos boletins anuais divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, informando o crescimento do número de assassinatos de gueis em todo o Brasil, diante de um livro como *Dias de Ira*⁶⁸, de Roldão Arruda, relatando casos reais em que a indulgência do Estado para com os criminosos é mais do que aviltante, é reveladora do preconceito, do descaso e de um silêncio cru e patológico, eu me pergunto da efetividade das atuais políticas de direitos civis e humanos. Do que tem adiantado a inclusão de personagens gueis em novelas? E o aumento de números de bares e boates, se ainda são guetos onde predominam preços para lá de abusivos, fixados muito acima do mercado? Quais os resultados da busca por uma afirmação identitária,

⁶⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-8.

⁶⁶ BERUTTI. *Ibid.* p. 137-8.

⁶⁷ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte. Editora da UFMG; Brasília: representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 60

se ela discrimina e domestica o indivíduo numa redoma, feito o menino da bolha de plástico? Há um ponto de equilíbrio e conciliação das duas teorias? Ou, quem sabe, uma outra via?

1.4 GÊNERO: POR QUE CONTO?

Imagino agora a cena: um leitor, ouvintes talvez em roda – haverá uma fogueira? –, sentados no chão ou alinhados em cadeiras – como numa sala de aula –, solitários, de qualquer modo... Aguarda-se um motivo: a confissão, o momento derradeiro em que eu, o pesquisador, me exponho e me coloco junto aos autores, objetos pesquisados. A escrita deles se torna, então, também minha. E de vocês, leitores. Estamos finalmente unidos. E, neste jogo, a dissertação e a ficção se misturam, encobrem-se e descobrem-se, revelando nossas múltiplas identidades.

Conto para trabalhar a síntese, a tensão, a velocidade e os sentidos em que se caminham os contos. Neste caso, contos que confluem em torno de um único tema. Ou, talvez, não exatamente um tema, mas práticas que se configuram e se configuraram dentro do campo ainda indefinido do que conhecemos como homoerotismo, um tipo de afeto ou de amor, alguma amizade ou desejo e tudo mais o que a linguagem tenta definir quando se trata da expressão da homocultura.

A idéia não é buscar uma origem, nenhuma legitimização, nenhuma verdade absoluta, nenhuma imposição de ponto de vista. A visão, aqui, ora se aproxima, ora se distancia. Num segundo, um close. Noutra, uma panorâmica. Querer e exercer a liberdade. Liberdade enquanto leitor, intérprete e ator da cena. Por isso, o corte, a edição. Não exatamente aleatório, mas revestido da pose, do excesso, do cinema de lágrimas, do caudaloso que há em mim e nos autores – não mais escolhidos e, sim, como escritores-sereias, lançando seu canto para mim nas livrarias, seduzindo-me e sussurrando baixinho em meu ouvido que fui eu o selecionado. Com modéstia, aceito o convite. E conto. Ainda, por que Conto?

⁶⁸ ARRUDA, Roldão. *Dias de Ira: uma história verídica de assassinatos autorizados*. São Paulo: Globo, 2001.

O importante, para mim, não está em me deter nas linhas aprisionadoras do gênero. Assim como os gêneros “masculino” e “feminino” são construções culturais que, principalmente, no caso dos gueis, sofrem um duplo revés, quando se prioriza um em detrimento do outro ou, também, quando se sobrepõem as imagens comumente aceitas de “homem” e “mulher”, tornando o ser ambíguo ou andrógino, caso do guei efeminado, do travesti, do transexual e da *dragqueen*, podendo sofrer tanto a violência das pessoas machistas, quanto os apupos e aplausos em shows de boates, preocupo-me em não realizar nenhuma defesa ou hierarquização da forma e da representação do e no literário. Os gêneros lírico, narrativo e dramático estão aqui em permanente diálogo. E a contaminação no espaço alheio só adiciona possibilidades criativas para o leitor. A transgressão dos gêneros na arte e na vida propicia mudanças e fortalece o exercício da liberdade de expressão, do direito de cada um desfrutar do seu próprio corpo como bem quer e entende. Todavia, por que Conto?

Conto para obter o máximo com o mínimo. Nádía Battella Gotlib diz que na construção do conto deve imperar uma “*economia dos meios narrativos* (grifo da autora). Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos.”⁶⁹

Contava Cortázar que o conto é um “gênero de difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário.”⁷⁰ E acrescentava que para o conto não há leis, mas, sim, pontos de vista que dão uma certa estrutura. O seu movimento se registra no “plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal. (...) O resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada”, explicando-se assim porque há tão poucos contos “verdadeiramente grandes”⁷¹.

Esse caráter de visceralidade exposto por Cortázar é o que me encanta, o que me faz, nesse curto espaço de escrita, curto espaço de tempo, viver uma tensão de linguagem tal que eu saia impactado de sua leitura e me resolva a contar.

Conto no Novo Milênio. Conto para trazer em seu bojo algumas das cinco (entre as seis pretendidas) propostas esboçadas por Ítalo Calvino para a ficção no século

⁶⁹ GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2004, p.35.

⁷⁰ CORTÁZAR, Julio. *Alguns aspectos do conto*. In.: Valise de Cronópio. 2ª ed. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.149.

⁷¹ *Ibid*, p. 150.

XXI⁷²: Rapidez, Exatidão e Multiplicidade. São atributos que por si ajudam a nos aproximar do que entendemos como conto. Os outros atributos podem ou não estar contidos: Leveza, Visibilidade e Consistência (Calvino não chegou a escrevê-la).

Então, decididamente conto.

⁷² CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2ª ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.